

MULHER E POESIA: UMA LEITURA CRÍTICA DE *AS FILHAS DE LILITH*, DE CIDA PEDROSA

Jária Laís Correia da Silva⁷
jarialaiscorreia@outlook.com

Joranaide Alves Ramos⁸
nad.alvesramos@hotmail.com

RESUMO

Este estudo traz algumas reflexões, através de poemas de Cida Pedrosa, sobre a evolução que a mulher e gênero feminino passaram e ainda vêm passando na sociedade. *As filhas de lilith* (2009) é um obra contemporânea, singular, e que transita pelo universo feminino em vários dos seus contextos. Com a pesquisa foi possível perceber que o feminino está conseguindo maior autonomia em meio a sociedade e se distanciando do caminho tradicional, que é o casamento. Para tanto, foi feito uma relação da literatura com a realidade, observando a verossimilidade das mesmas, seguindo por uma abordagem de quem vem a ser lilith, e por fim uma leitura crítica dos poemas selecionados. A pesquisa é bibliográfica, tendo como arcabouço teórico escritores como Simone de Beauvoir (1967), Michel Foucault (1988), e Leyla Perrone-Moisés (1990).

PALAVRAS-CHAVE: *As filhas de Lilith*. Cida Pedrosa. Evolução. Feminino. Literatura

ABSTRACT

This study presents some reflections, through the poems of Cida Pedrosa, about the evolution that the woman and the female gender have passed and are still passing in society. *As Filhas de Lilith* (2009) is a contemporary work, singular, and that transits through the feminine universe in many of its contexts. With the research, was possible to perceive that the feminine is getting greater autonomy within society and distancing from the traditional course, which is marriage. For this, it was realized a relation between literature and reality, observing its verisimilitude, following though an approach of who happens to be Lilith, and finally a critical analysis of the selected poems. The research is bibliographical, having as theoretical framework writers such as Simone de Beauvoir (1967), Michel Foucault (1988) and Leyla Perrone-Moisés (1990).

KEYWORD: *As filhas de Lilith*. Cida Pedrosa. Evolution; Female. Literature

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente, vemos estudos acerca da feminilidade, do ser mulher e de como estas se manifestam na sociedade. A literatura é uma das formas que a humanidade encontrou para mostrar o que se vive, os sentimentos, as mazelas, o que se vê na “vida real”, e é claro que a representação da mulher não deixaria de fazer parte desse universo. Porém, a literatura não

⁷ Acadêmica do VI período do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro – Fasete.

⁸ Professora de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro – Fasete.

tem compromisso com a realidade, mas é indiscutível dizer que parte dela; palavras simplesmente ao vácuo não nos emocionariam, não nos despertariam um olhar mais crítico sobre tudo que nos rodeia, o que não é o caso da literatura, pois esta traz consigo textos extremamente carregados de significação. Sobre essa relação do real com o fictício Wolfgang Iser em *Os atos de fingir ou O que é fictício no texto ficcional* (1993, p.384) explica que:

[...] Há no texto ficcional muita realidade que só não deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional. Estas realidades por certo diversas não são ficções, nem tampouco se transformam em tais pelo fato de entrarem na apresentação de textos ficcionais. Por outro lado, também é verdade estas realidades, ao surgirem no texto ficcional, neles não se representam por efeito de si mesmas.

É possível observar na obra literária traços tão verossímeis com a realidade, com o contexto histórico, que chega a nos parecer de fato real, mas voltamos a dizer que a literatura não têm compromisso com essa realidade e, por isso, o escritor, o poeta, possuem a liberdade de criação, e de contar algo através do seu ponto de vista, de acordo com o resultado que pretende obter; o filósofo grego já dizia “Não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que podia acontecer, quer dizer, o que é possível segundo a verossimilhança e necessidade” (ARISTÓTELES *apud* PERRONE-MOISÉS, 1990, p.108).

No livro *As filhas de lilith* (2009) de Cida Pedrosa⁹, podemos observar tais colocações, pois cada poema traz consigo uma carga de sentimento, suspense, medo, e até repulsa. As mulheres em cada um dos vinte e seis poemas, são humanas, uma mescla de ingenuidade, vassalagem, sensibilidade, angústia, coragem e diversos outros sentimentos e atitudes; identificamos nelas características de alguém que conhecemos, de alguém que ouvimos falar, e de nós mesmo, elas chegam a nos parecer palpáveis. Cida Pedrosa nos faz refletir, ver além através de suas mulheres, as dores, as imperfeições, as inconstâncias delas também são as nossas. Elas de A a Z são um pouco/muito de todos nós.

Diante dessas afirmações realizamos uma leitura crítica sobre o feminino na obra, sendo necessário refletir sobre o processo de evolução que a mulher passou e vem passando através do tempo. Observamos ainda outros aspectos importantes, como as escolhas estilísticas da autora; como certas marcas do texto vem a ser diferentes, no sentido de não usar

⁹ Cida Pedrosa é pernambucana, nascida em Bodocó em 1963. É poeta e advogada.

a pontuação, por exemplo, e inovadoras, sendo indispensáveis para a compreensão do texto; como também a figura de lilith na obra.

Vale ressaltar que o livro *As filhas de lilith* trata-se de um “dicionário de mulheres”, cada letra do nosso alfabeto é representado por um nome feminino, ou seja 26 letras para 26 nomes, sendo: “a-angélica”, “j-juanita”, “l-luíza” [...] Não sendo possível diante da extensão que se tornaria analisar todos os poemas neste trabalho, selecionamos quatro deles: “grace”, “patricia”, “melissa” e “zenaide”.

1.1 Lilith, quem és tu?¹⁰

A história de Lilith diz respeito a criação humana. Teria sido ela a primeira mulher de Adão, criada antes mesmo de Eva. O fato é que sendo ela criada da mesma maneira que Adão, não aceitava ter que submeter-se a ele, impondo sua personalidade, não aceitava nem mesmo ficar embaixo dele nas relações sexuais, desejava estar em igualdade com o parceiro. Chevalier e Gheerbrant em *Dicionário de símbolos* (2015, p.548) cita que: “Somos todos os dois iguais, dizia a Adão, já que viemos da terra. A esse respeito discutiram os dois, e Lilit, encoleirada, pronunciou o nome de Deus e fugiu para começar uma carreira demoníaca[sic]”.

A figura de Lilith é, geralmente, descrita como sendo ela possuidora de magnífica beleza. Não aceitando o domínio masculino, ela teria se rebelado e, conseqüentemente saído do paraíso, passando a viver com demônios, um dos motivos pelo qual ela é associada ao sexo, pois fora do éden estaria inclinada ao pecado, aos prazeres da carne, ao adultério.

Lilith também é conhecida como “lua negra”, como Chevalier e Gheerbrant (2015, p.548) nos diz: “É comparada à lua negra, à sombra do inconsciente, aos impulsos obscuros”. Ela representa a insubmissão, a volúpia, por isso que sua figura é ainda por muitos desconhecida, já que a representação da mulher, por vezes, recebe mais aceitação quando está afastada dessas características.

A partir da ausência de Lilith é que Eva teria sido criada, feita de uma parte do homem (da costela), para ser enfim, submissa a ele. Na própria Bíblia há “deixas” para essas suposições, como quando Adão se refere a Eva como “Esta sim”, se esta é sim, é porque pode ter havido aquela que foi esta não.

¹⁰ Disponível em: <<http://oestranhocurioso.blogspot.com.br/2013/lilith-a-primeira-mulher-de-adao.html>> Acesso em 27/09/2014 às 15:30.

Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: “*Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!*” (Gênesis, 2, 22:23)¹¹

Este estudo não se trata de conspirar contra ou a favor de verdades tão estabelecidas durante séculos, trata-se apenas de mostrar como a figura de Lilith influencia a obra a ser estudada, pois com o espírito confiante, indomável, e insubmisso que esta possuía, é vista como uma mulher mais real, mais próxima dos nossos dias, a mãe de “xênias”, “rosanas”, “quilmas”, “elisas” [...], tendo então passado adiante o ideal de liberdade as gerações seguintes, as suas filhas. Identificamos Lilith antes de demônio, feiticeira, ser malévolo, ou com qualquer outra descrição como sendo uma Mulher.

1.2 “grace”, “patrícia”, “melissa” e “zenaide”: herdeiras de lilith

O universo feminino é em todas as suas esferas repleto de encantos, descobertas, desejos, é múltiplo, é complexo. A poesia de Cida Pedrosa volta o olhar para a mulher em seus contextos, com ou sem seus homens, é com uma observação clara e sensível da realidade que os enredos são traçados.

O leitor sente-se seduzido por essa poesia de linguagem simples e tão significativa; Perrone-Moisés em *Promessas, encantos e amavios* (1990, p.140) já dizia: “O extremo desse desvio (ou sedução) se chama poesia. Os poetas são sedutores porque foram vítimas de uma sedução primeira, exercida pela própria linguagem”. Com esse conceito de que a poesia é sedutora começaremos nossa leitura.

¹¹ Trecho retirado do livro do Gêneses, capítulo dois, versículos do vinte e dois ao vinte e três. Sociedade Bíblica Internacional e Paulus-1990.

grace	escolhe o melhor café do mercado e armazena em um pote de vidro para não perder cheiro nem sabor
sebastiana coava café muito bem desde menina aprendeu o mantra com sua mãe florisminda	o café é coado na hora 3 colheres de sopa para um litro de água coador de papel bule de alumínio garrafa térmica lavada e nova para servir xícaras de louça brancas
os grãos eram colhidos na feira em um ritual de sabedoria	
iam para o tacho de barro	
misturados ao açúcar e mexidos com colher de pau no fogo a lenha	estela cõa café muito bem soube do ritual por sua mãe maria e de histórias velhas de uma certa avó florisminda
passavam a tarde incensando a redondeza e de quando em vez uma criança da casa roubava um pouco de grão caramelado	o café é coado na hora 3 colheres de sopa para um litro de água cafeteira elétrica italiana filtro e aquecedor automático para servir xícaras de cerâmica laranjas
quando no ponto eram levados ao pilão para a tritura e peneirados na peneira de metal	
um a um os grãos viravam pó e se concentravam na lata de café	grace faz café muito bem leu as instruções no vidro de café solúvel e lembra pouco as recomendações da mãe estela
o café era coado na hora 3 colheres de sopa para um litro de água coador de pano e bule de ágata verde para servir canecas de ágata azuis	o café é feito na hora 3 colheres pequenas de pó e 10 gotas de adoçante
maria cõa café muito bem desde moça aprendeu o ritual com sua mãe sebastiana	prepara-o no copo descartável antes de correr para a faculdade e enfrentar o mestrado de história

Percebe-se que o poema é composto de versos livres, pois não segue nenhuma regra de metrificação, o que também ocorre nos demais poemas do livro. Norma Goldstein em *Versos, sons, e ritmos* (2005, p.37), explica que:

Os versos livres não obedecem a nenhuma regra preestabelecida quanto ao metro, à posição de sílabas fortes, nem à presença ou regularidade de rimas. Esse tipo de verso, típico do Modernismo, vem sendo muito usado a partir da segunda década de nosso século. Num poema em verso livres, cada verso pode ter tamanho diferente, a sílaba acentuada não é fixa, variando conforme a leitura que se fizer.

Podemos observar que não há a utilização de letras maiúsculas, o próprio “título” do poema inicia-se com letra minúscula, assim como todos os versos, o que podemos dizer que foi uma escolha estilística¹ da autora. Sabemos que nada no texto literário, sobretudo, na poesia é colocado por acaso; podemos associar essa escolha ao fato de que “elas” como dito anteriormente somos nós, a falta de vírgulas e também do ponto-final no final do poema, pode estar ligado a ideia de que o texto continua, que elas continuam, de angélica a zenaide.

O leitor tem o poder de imaginar uma continuação, de buscar novos sentidos, ele sente, interpreta, levanta questionamentos, por que será que “grace” escolheu justamente a área da história? Como será o relacionamento de “grace” com as outras mulheres da sua família? ... segundo Wilson Martins “O leitor não é um molde passivo, destinado a receber a ‘poesia’, e a função do poeta não é a de fabricá-la para entregá-la, intocável ao leitor”. (Martins *apud* Perrone-Moisés, 1990, p. 91).

Quanto ao poema vemos que trata-se de cinco gerações de mulheres de uma mesma família, em que podemos notar a mudança de perspectivas das mesmas no decorrer do tempo, os próprios objetos utilizados para coar e servir o café por si só, já representam essa mudança, essa modernização, do tacho de barro ao copo descartável. Interessante observarmos que o próprio nome das mulheres em cada geração, vão se tornando mais atuais, acompanhando o ritmo da sociedade, representando também de certa forma, uma evolução, e que aparentemente correspondem com o papel que exerceram/exercem no meio social.

A cada nova geração a importância do preparo do café diminui. Na segunda estrofe é dito que a escolha dos grãos é um ritual, ou seja algo que merece dedicação e que é rotineiro, e como percebemos um ritual longo e demorado, já para “grace” é rápido, é prático, quase não sobra tempo para tal; esse rito do café foi passado para “sebastiana” desde menina, já para “maria” foi passado desde moça, estela apenas soube do ritual, e chegou para “grace” somente como recomendações, ou seja, em cada geração seguinte, a labuta com o café, que também pode ser associado com as tarefas com a casa e a família, chega cada vez mais tardio, tendo em vista os novos espaços que as mulheres vão conquistando.

O eu-lírico utiliza-se do café algo tão comum em nosso dia a dia como um meio de mostrar o papel que a mulher exerceu no passado e o que está exercendo hoje, antes a mulher

¹ Quanto ao valor estilístico Coelho diz: Os valores estilísticos jamais poderão ser registrado dentro de um esquema teorizador completo, pois as suas possibilidades de expressão são infinitas: nascem da imaginação, da fantasia, ou da necessidade de expressão do homem, e levam a modificar o uso comum do esquema linguístico convencional.

era vista como a “rainha do lar”, aquela que deveria cuidar da ordem da casa, procriar, ser mãe, ligada exclusivamente as tarefas domésticas, esse cenário vem mudando, através de lutas e conquistas, realizadas principalmente por mulheres que não aceitam apenas essas colocações, mulheres que conseguiram garantir seus papéis na sociedade e no lar, que foram incluídas no mercado de trabalho, que usufruem do resultado dos seus esforços, essas mulheres podem escolher quando se casar, com quem se casar, possuem o direito de escolha à maternidade, nesse sentido Patrasso e Grant (2007) em *O feminino, a literatura e a sexualização* afirmam que :

[...] Cada vez mais abrem-se inúmeras vias. Através dos avanços da tecnologia em relação à maternidade, esta passa a ser uma opção, já que hoje é possível às mulheres escolherem se vão, ou não, se casar, ou ter um companheiro fixo, e se querem, ou não ter filhos [...]”. (2007, p. 142)

A tecnologia surge como um recurso útil as mulheres contemporâneas por abrir esse leque de opções. Porém cada escolha gera uma consequência, o acúmulo de tarefas, de funções sobrecarregam a mulher, gerando por vezes conflitos:

[...] Recebemos mulheres aparentemente emancipadas, bem-sucedidas profissional e economicamente, que muitas vezes são as responsáveis pelo sustento do lar, da família e até do marido. Frequentemente, elas se queixam do acúmulo de papéis, da culpa gerada pela falta de tempo para cuidar dos filhos e de si mesmas[...] (PATRASSO E GRANT, 2007, p. 142)

Muitas vezes a mulher se vê rodeada de dúvidas, se vale a pena abrir mão de estar mais presente na vida dos filhos, ou se permanece no mercado de trabalho, geralmente, optando por um. Segundo novamente Patrasso e Grant (2007, p.142) “As mulheres ainda se queixam de que muitas vezes não sabem o papel que devem, ocupar: “a minha mãe, a mãe do meu marido eram assim.... Eles esperam que eu como mulher, seja como elas, mas eu não tenho tempo ...”

Essa é uma reclamação comum, pois se espera que a mulher além de todas as tarefas que enfrentam no ambiente exterior ao da sua casa, realize com perfeição a tarefa de dona do lar, como foi sua mãe, sua avó. Comum também é ouvirmos a expressão “Você só saberá o que é ser mulher quando for mãe”, o que deixa claro o ideal que a sociedade ainda hoje cobra das mulheres, é uma carga que vem sido carregada durante muito tempo.

“grace” evoluiu em relação as suas antepassadas, ela vive em um espaço intenso e agitado, ela “corre” para a faculdade, “grace” pode muito bem conciliar sua vida profissional com a pessoal, ter filhos, e partir para o doutorado, dando continuidade aos seus estudos, como também pode optar por uma das linhas, a diferença é que “grace” pode escolher, é ela quem sabe o que é melhor para si. Agora que conhecemos a estudante do livro, partiremos para a próximo poema, que é instigante e revelador, conheceremos “melissa”.

melissa

nasceu loiríssimo e com olhos azuis
era o bibelô das tias
e concorria a prêmios de bebês
teve a fotografia publicada na pais & filhos
e foi criado à luz dos ensinamentos
do doutor rinaldo de lamare

fez a primeira comunhão aos 6 anos
pois na época era permitido
tão suave e doce
que o único pecado dito ao padre
foi o de ter espiado o primo nu

aos 10 anos virou habitué
das tardes de cinema na tv

viu a noviça rebelde 15 vezes
o vento levou outras tantas
e se pensou ingrid bergman
em casablanca

aos 12 foi flagrado a rodopiar pela casa
usando o penhoar da tia estela
os saltos de oncinha da emília
e maquiado ao estilo ava gardner

quando completou 14 anos
fez sexo com joão atrás da igreja
e não gostou

tudo nele era lindo
aqueles rapazes o desejavam
de verdade e não sabiam
nunca se ouviu falar de bunda
igual àquela e de pentelhos
louros quais aqueles
o corpo dele
era feito para a saia para o justo
e para homens que gostam de mulher

multiplicaram-se os pretendentes
e a notícia se espalhou
junto ao codinome de polaca

em uma manhã de setembro
as suas tias levaram-no à estação
rumo a são paulo

as luzes eram tantas o povo era tanto
a música era tanta e o cinema
o cinema tinha madonna e sharon stone

com o passar do tempo
sentiu falta do mar

mudou-se para o rio de janeiro
trabalhou duro como maquiador
do teatro cacilda becker
e pagou seus peitos de silicone

polaca era a mulher mais linda do pedaço
continuava a trepar com joões
e gostava pouco

em setembro do ano passado
polaca
conseguiu fazer sua cirurgia
de mudança de sexo

não precisou
de acompanhamento psicológico
tampouco de terapia intensiva

sabia-se mulher desde a infância

polaca registrou-se melissa
e teve múltiplos orgasmos
ao abrir as pernas em flor
no pau do namorado goiano

“melissa” é a única personagem do livro *As filhas de lilith* que não nasceu com o gênero feminino de fato, porém compreendeu-se mulher desde que se entendeu por gente, muito mais Mulher, que muitas mulheres. Em *O segundo sexo: a experiência vivida* Simone de Beauvoir já dizia "Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher" (1967, p.09) Essas palavras bem resumem “melissa”, o fato de não possuir o órgão genital de menina, não a tirou do direito de ser mulher, Beauvoir (1967, p.09) ainda complementa “[...] Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no meio da sociedade”. Mais uma vez vemos que não é o órgão genital que define a feminilidade, que ser mulher vai além de o possuir.

Vemos que desde que nasceu “melissa” era o queridinho(a), das tias que paparicavam, possuidor de estereótipo favorecido, que há tempos vem sendo o ideal de beleza, “loiríssimo e com os olhos azuis”, um orgulho, visto como um promissor candidato a galã, envolvido desde pequeno na publicidade. No primeiro dístico nos é dito que “ele” realizou o segundo sacramento com apenas seis anos, aparentemente ele pertencia a uma família bastante religiosa, pois por mais que isso fosse permitido, com somente essa idade, uma criança com essa faixa etária não se dedicaria ao ato religioso se não fosse guiado por alguém da família.

Na próxima estrofe já percebemos o interesse da criança pelo sexo masculino-até então o mesmo sexo que o seu, ele espia o primo nu, e confessa ao padre como sendo pecado, vemos que ele já traz a ideia de repreensão da sexualidade. Sabemos que quanto a sexualidade ainda existe muito conservadorismo, que muitas vezes as crianças e os jovens procuram descobrir fora de casa o que tem dúvidas, curiosidade. Foucault em *História da sexualidade I*, esclarece:

[...] A sexualidade é, então cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca, e absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal legítimo e procriador, dita a lei. Impõem-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: O quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discurso. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (1988, p.09)

Foucault nos deixa claro o modo como a família, e a sociedade esconde o sexo, a própria sexualidade, sendo visto como uma imoralidade, ou como simplesmente algo feito

para procriar, como se não houvesse mais nada além disso, como se o desejo, a carne não tivessem nenhuma relação com o ato sexual; e quando se procura saber as punições são feitas, por que não é digno, não é aceito querer saber sobre esse assunto, um tabu que ainda hoje podemos observar. E em relação a curiosidade da criança o silêncio é unânime, como se uma explicação lhes causassem a desonra, Foucault (1988, p.10) novamente nos explica:

[...] As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifesta-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber [...].

É mais cômodo calar-se a esclarecer dúvidas, reprimindo evita-se de se ser novamente questionado, aí é quando a criança e logo depois o jovem, busca no espaço exterior ao seu lar, resposta que a tanto tempo anseiam, recorrendo até a prostituição, mas o que é tratado sem muito alarme, pois é feito fora de casa, fora de casa pode tudo, o que não pode é manchar a integridade da casa, por vezes atitudes hipócritas.

Voltando ao poema, com o passar do tempo “ele” foi demonstrando ainda mais sua aptidão para o feminino, se imaginando no papel de divas do cinema, usando acessórios das tias, até que aos 14 anos tem relação sexual com um másculo que por sinal não gosta, sendo um sinal de que “ele” não se enquadra como homossexual, já que aparentemente não sente prazer nessa relação; até o corpo dele já se entendia feminino, quando a notícia se espalha recebe o de “polaca”, e suas tias o levam para seguir para São Paulo.

Interessante dizer que “polaca” vai embora em setembro, justo o mês em que comemora-se a independência do Brasil, podemos associar isso ao fato de que “polaca” a partir desse momento começa a ter maior liberdade, a adquirir sua própria independência. No décimo quarto dístico vemos a euforia de “polaca” ao chegar na cidade grande, euforia que poderia estar associada a possibilidade de “polaca” ser de um lugar menor, que não estivesse a nível de metrópole, o que também se justificaria o fato de ter que fazer essa mudança de lugar, pois em pequenas cidades o preconceito é mais evidenciado.

Percebemos no próximo sexteto como “polaca” era decidida, pois quando resolve ir em busca do mar, vai, trabalha e paga seus peitos de silicone, é daquelas que vai em busca do

que quer, que não se satisfaz com o mínimo. “Polaca” só se realiza quando se torna de fato “melissa”, que acontece também no mês de setembro, e é aí que ela consegue sentir orgasmo, consegue sentir de verdade o prazer, a mudança de sexo realçou e confirmou sua feminilidade, foi quando teve nome, quando sua identidade foi registrada, “melissa” gosta de homem no seu corpo de mulher, passou a possuir o que lhe faltava, uma flor por entre as pernas.

Já podemos observar, na leitura desses dois poemas como a poesia de Cida Pedrosa é atenta ao universo feminino, e a sociedade, poemas que também se enquadrariam em prosa, tendo em vista seus enredos, sua forma de contar. Em “melissa” encontramos a novidade da possibilidade de poder ser feita a mudança de sexo, e em “grace” a evolução do feminino, e a cultura familiar do preparo do café, agora encontraremos com “patricia”.

patricia

é especialista em filhos
deveria ser contratada
para reclames de televisão
e os jornais poderiam colher depoimentos
sobre como ensinar uma empregada
a engomar 10 fraldas de uma única vez

teve 3 filhos
jéssica marina e victor júnior

sabe tudo sobre febre papinhas cocozinhos
risinhos
bonequinha carrinhos palhacinhos sapatinhos
joguinhos
roupinhas festinhas de aniversário letrinhas
numerozinhos
velocípedes curso de férias esporte queda de
bicicleta
matemática português história geografia
cidadania
aula de reforço amigos indesejáveis lan house
passeios ao shopping conta de telefone alta
namoro nas escadas amasso no sofá
comprimidos de ecstasy

patricia é especialista em filhos
mas não sabe o que fazer com o piercing que
jéssica
pôs nos grandes lábios
o amor de marina por felipa

e a decisão de victor júnior não seguir a
carreira do pai
junto à empresa vitorvitória

Se “grace” era a universitária, “melissa” a mulher por natureza, “patricia” é uma das mães do livro. Uma suposta especialista em filhos, que na primeira estrofe o eu-lírico deixa a entender que trata-se de uma “mãe perfeita”, mas que depois vemos que é uma mulher que não realizou –se com as escolhas dos três filhos, gerando sua própria insatisfação.

Na quarta estrofe, vemos claramente o crescimento de jéssica, marina, e victor Júnior através das palavras utilizadas no poema, até o terceiro verso seria o período infantil, o que se justifica pela utilização do diminutivo, pois é comum nos referirmos a criança com esses palavreados, os dois versos seguintes apresentam um crescimento etário, e os quatro versos seguintes a adolescência por diante, pois trazem características comum nessa fase, como os conflitos e os namoros.

É interessante dizer que o ritmo da estrofe muda, é como se fosse dividido em duas partes, a primeira metade da estrofe é quando “patricia” supostamente ainda possui controle sobre os filhos, a segunda metade é quando ela perde esse controle, o poema ganha um ritmo mais intenso, como é a vida dos adolescentes e no fim a palavra ecstasy vem “puxar” o leitor, e mostra a que ponto chegou os aparentes problemas de “patricia”, dessa mulher e mãe.

Vemos na personalidade de “patricia”, que ela é possivelmente, daquelas que se resigna aos cuidados da casa, do marido e dos filhos, aquela mulher do passado que tinha que mostrar para sociedade seu lar feliz. Aquela que não aceita com facilidade que os filhos alcem voo, e que não corresponderam as suas expectativas, até porque cada ser possui seu jeito de ser, suas particularidades.

Segundo Beauvoir: “[...] É preciso à mãe uma mistura rara de generosidade e de desapego para encontrar na vida dos filhos um enriquecimento sem se tornar tirana nem os transformar em carrascos”. Ou seja, é preciso que a mãe respeite as escolhas dos filhos, para melhor os auxiliarem, pois muitas vezes com excesso de proteção, por querer viver a vida do filho, a mãe, os pais, acabam os distanciando. Novamente Beauvoir (1967, p.294) nos diz que “[...] O amor materno perde-se, amiúde, nas repreensões e cóleras ditadas pela preocupação de um lar bem arranjado”.

No segundo verso da última estrofe há a expressão “não sabe o que fazer”, em relação aos filhos, o que mostra a aflição, a frustração que “patricia” sofre por não ver seus planos saindo como o esperado, isso acontece por conta que algumas mães traçam um destino para os filhos, que não é compatível com os desejos deles, Beauvoir nos diz que: “a atitude da mãe em relação a vida adulta é ambivalente: no filho é o deus que procura; a filha encontra um duplo”. (1967, p. 355). Então, é quando a mãe tenta realizar-se nos filhos.

Hilan Besusan em *Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado* (2004, p.13) afirma que: “Cada pessoa, supostamente como um exercício de liberdade, tem suas preferências; fruto de sua personalidade”. Cabe aos filhos decidirem que profissão lhes agradam, a quem amar, o poder sobre seu corpo, pois cada pessoa tem o seu próprio jeito, seus próprios desejos e sonhos. Por fim, leremos o poema “zenaide”, última mulher (não menos importante) desse “dicionário” feminino que é a obra *As filhas de lilith*.

zenaide

em junho de 1964
zenaide fez 20 anos

olhou-se no espelho
e viu-se pronta para casar

resolveu fazer o enxoval
e pôs-se a procurar marido

decidida
subiu a escada rolante da Mesbla e dividiu em 12 suaves prestações
o seu conjunto de painéis rochedo

em junho de 2004
zenaide fez 60 anos

olhou-se no espelho
e viu-se pronta para a terceira plástica
decidida
subiu o elevador do hospital são tomé
e dividiu em 12 suaves prestações
o levantamento de bumbum o minilifting de pescoço

“zenaide” é uma mulher decidida, que mesmo aos vinte anos quando opta pelo casamento, é ela quem decide, não lhe é imposto. Voltamos novamente a temática do casamento, já iniciada em “grace”, em que a mulher é criada numa sociedade patriarcal, e que tem o casamento como obrigação para a família, para a sociedade, e para elas próprias, segundo Beauvoir (1967, p.67) “O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: Só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe”. Mesmo em nossos dias, por muitos, o casamento ainda é visto dessa forma, mas “zenaide” como dito anteriormente escolhe, ela se conhece, se planeja, e vai em busca do que quer, sabe o que quer.

Passados 40 anos, “zenaide” continua com a mesma obstinação em ir em busca do que deseja, dessa vez o desejo é a plástica, usada como rejuvenescedora, maneira de trazer a

beleza de volta, fica claro a mudança de perspectiva da mulher nesse período, já que além da atividade conjugal, há também a preocupação com os cuidados estéticos, Patrasso e Grant (2007, p.146) afirmam que:

[...] O corpo deixou de ser um desígnio divino, à imagem e semelhança de Deus, para se assemelhar às “deusas” da passarela. Totalmente fashion. Procusto reeditado pela ordem do capital! Corta aqui, estica ali, fure, tatue. Body Art. É a mais-valia da carne. É a moda ditando os referenciais do desejável [...].

Sentir-se bem é de suma importância, sempre o foi; mas a crítica que se faz aqui refere-se ao modo de como o corpo é exposto à ditadura da beleza, de ter que estar sempre na moda, como se o desejável fosse apenas o corpo idealizado pela mídia, e que nos é tão bem recebido como a forma correta.

Sobre o desejo Hilan Besusan (2004, p. 02) acrescenta: “Vivemos em um regime de desejo. Existem normas específicas para o desejo, normas ditadas pelos outros e que parece fazer parte da forma e do conteúdo dos nossos desejos”. Ou seja, o desejo dos outros está tão enraizado em nós mesmo, que acabamos por acreditar que esses mesmos desejos são também os nossos.

É observado em “zenaide” uma certa inclinação ao modismo, primeiro o casamento, depois as intervenções plásticas, mas que não interferem em sua personalidade decidida, e também nos mostra uma evolução, no sentido de a mulher cuidar-se mais, cuidar do corpo, e da beleza, inclusive na terceira idade. São as muitas possibilidades, a tecnologia, a modernização, com suas supostas benfeitorias.

Essa busca constante pela perfeição estética é de certa forma uma herança do passado, pois desde criança quando nos é mostrada a importância da “beleza”, desejamos nos assemelhar a bonecas, princesas, e beldades. Temos a necessidade de agradar aos outros, de nos afirmar, e hoje as possibilidades são múltiplas, não que sejam sempre positivas, visto que deixamos nos influenciar com certa facilidade, o que de certa forma compromete nossa própria personalidade, mas “zenaide” é quem deve saber o que é melhor para si, faz parte do livre-arbítrio, que nos foi concedido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos nesses quatro poemas o quanto a poesia de Cida Pedrosa é verossímil com realidade; o quanto é simples, complexa e sedutora, assim como é a mulher. A figura de lilith é associada a mulher real, a mulher que está se desvencilhando do caminho tradicional, e que está se afirmando na sociedade; mesmo na sociedade contemporânea ainda se espera que a mulher possua a delicadeza, a dedicação aos filhos, a casa e ao marido, desde muito tempo a mulher teve sua voz calada, vista pela própria família como símbolo de vergonha, prejuízo e até punição dos céus, cabe a elas se desvencilhar desse passado medonho e machista, o próprio homem também foi criado para ser o dominador, então libertando a mulher, o homem também poderá se afirmar de acordo com suas perspectivas.

Muito já foi conquistado; mulheres já são eleitas chefes de Estado, já ocupam espaço em todas as áreas, inclusive em áreas ditas como somente “masculinas”, o *slogan* de sexo frágil, já não é tão difundido, mas ainda há muitos caminhos para percorrer, para que elas recebam o reconhecimento que merecem, e que os dois sexos sejam enfim, tratados com igualdade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Aldrêycka. **Lilith, a primeira mulher de Adão**. Disponível em: <<http://o-estranho-curioso.blogspot.com.br/2013/01/lilith-a-primeira-mulher-de-adao.html>> Acesso em: 27/09/2014 às 15:30.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 2ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: difusão europeia do livro, 1967.

BENSUSAN, Hilan. **Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado**. ISSN 0104-026x. Rev. Estud. Fem. Vol.12 no.1. Florianópolis jan./ Apr.2004.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**, com a colaboração de: André Barbault... [et al]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera Costa Silva... [et al] 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **O valor estilístico**. In_____. **Literatura e Linguagem**. 5ª ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 1993, p. 106-114

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**; Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: edições Graal,1988.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 13ª edição, São Paulo: Ática, 2005.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional.** In_____ LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes.** 2ª edição, RJ, Francisco Alves, 1983. P 384-516

PATRASSO, Rahel. GRANT, Walkiria Helena. **O feminino, a literatura e a sexuação.** ISSN 0103-5665. Psic. Clin, Rio de Janeiro, vol.19, n.2, p.133-151, 2007.

PEDROSA, Cida,1963- **As filhas de lilith/** Cida Pedrosa. – Rio de Janeiro: Calibán, 2009. II.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores na escrivaninha:** ensaios/ Leyla Perrone-Moisés- São Paulo: Companhia das letras, 1990 (13-97)